

RECENSÃO CRÍTICA

**do artigo «Os Campos da História – uma introdução às especialidades da História»
de José D’Assunção Barros**



METODOLOGIA DO TRABALHO HISTORIOGRÁFICO

2020/2021

Dr. Paulo Teodoro de Matos

15.04.2021

TIAGO DINIS LEITE COUTO MARQUES

Turma HMCA1 Nº 99092

O artigo em análise, «Os Campos da História – uma introdução às especialidades da História» de José D’Assunção Barros (pp. 17-35), foi publicado na *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, nº 16, em dezembro de 2004.

A revista *Revista HISTEDBR On-line* é uma publicação do Grupo de Estudos e Pesquisas «História, Sociedade e Educação no Brasil» - HISTEDBR da Faculdade de Educação/UNICAMP (Campinas), que tem por objetivo publicar artigos resultantes de pesquisa ou de reflexão acadêmica, estudos analíticos e resenhas de história da educação.

O presente texto é uma adaptação do Primeiro Capítulo de um livro lançado pelo autor (*O Campo da História – especialidades e abordagens*, Vozes, Petrópolis, 2004), cujo objetivo central é empreender uma leitura panorâmica e uma sistematização das várias modalidades em que hoje é partilhado o campo do saber historiográfico, sem descuidar do estudo dos próprios critérios que presidem à representação do saber historiográfico nestes múltiplos sub-campos de estudo.

Conforme consta na informação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ¹, José D’Assunção Barros é historiador, escritor e músico. Desenvolve pesquisas nas áreas de Teoria da História, Filosofia da História, Metodologia e Historiografia, bem como relativas à relação entre a História e as diversas formas de expressão artísticas (Música, Cinema, Literatura, Artes Visuais, Fotografia, Teatro, Urbanismo). Foi fundador e coordenador do LAPETHI – Laboratório de Pesquisas em Teoria da História e Interdisciplinaridades. Tem-se empenhado em demonstrar que a imaginação musical com conceitos como os de “acorde” e “polifonia” podem contribuir para renovar epistemologicamente campos como os da História, da Geografia, da Filosofia e da Antropologia. Trata-se de estudar criticamente as ciências com o objetivo de determinar a sua origem lógica e o seu valor. Examina-se os problemas relativos ao significado da ciência, à sua estrutura e ao seu papel².

José D’Assunção Barros pretende mostrar neste artigo, “*que a chave para compreender estes vários campos está em distinguir muito claramente as divisões que se referem a dimensões (enfoques), as divisões que se referem a abordagens (ou modos de fazer a História) e as divisões intermináveis que se referem aos domínios (áreas de concentração em torno de certas temáticas*

¹ <https://institucional.ufrj.br/ruralpesquisa/jose-dassuncao-barros/>

² [https://www.infopedia.pt/\\$epistemologia](https://www.infopedia.pt/$epistemologia)

e objetos possíveis). Por outro lado, tal esforço de sistematização não exclui o reconhecimento dos imbricamentos entre os vários campos, as mútuas invasões de fronteiras, as afinidades e as interconexões possíveis, as diferenças e as incompatibilidades.” (pág. 18).

O historiador, num curso de pós-graduação na Universidade Federal de Goiás, definia as dimensões (História Cultural, História Económica, História Política, História Demográfica e História da Cultura Medieval), as abordagens (História Oral, Arqueologia, História Serial, Micro-História e História Imediata) e os domínios (História da Religião, História Rural/Urbana, História das Mulheres, História da Vida Privada e História Regional)³.

Segundo um velho provérbio árabe, «os homens se parecem mais com a sua época do que com os seus pais». Marc Bloch, historiador medievalista francês, considerava a história como a ciência dos homens no tempo e inaugurou a noção de história com problema⁴. Bloch reconheceu a importância da interdisciplinaridade e de revestir a prática de questões mais profundas e amplas.

Segundo Jacques Le Goff, o estudo da memória social é um dos modos fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história⁵.

Importa referir que o conceito de “serial” deriva do serialismo (música), isto é, sistema de composição atonal em que se empregam com idêntico valor hierárquico os doze meios-tons contidos numa escala cromática. Trata-se de “serializar” o facto histórico, para medi-lo na sua repetição e variação através de um período de tempo.

O autor em análise viria a propor um sistema original para a compreensão das relações e deslocamentos entre as desigualdades e as diferenças com as obras *A Construção Social da Cor*, em 2009, e *Desigualdade e Diferença*, em 2015.

Gilbert Durand e Sigmund Freud foram pensadores do humano e cientistas sociais. A referência que aparece no título do livro de Durand, *As estruturas antropológicas do imaginário*, qualifica a influência de Freud. Para Serge Gruzinski, a fábula é uma fonte inesgotável de inspiração artística para todos os tempos⁶.

³ <https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-historia/wp-content/uploads/sites/66/2017/03/Como-elaborar-o-projeto-de-pesquisa-para-o.pdf>

⁴ <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/bloch-m-apologia-da-histc3b3ria.pdf>

⁵ <https://www.incm.pt/portal/bo/produtos/anexos/10077420100408163754501.pdf>

⁶ <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/2499/2/PDF%20-%20Mariene%20de%20F%C3%A1tima%20Cordeiro%20de%20Queiroga.pdf>

O texto em análise apresenta a seguinte estratégia argumentativa:

- argumentos de autoridade (a ideia sustenta-se pela citação de uma fonte confiável),

Serge Gruzinski, *A Religação dos Saberes* (org. por E. Morin), pág. 22; **Peter Burke**, *A Escola dos Annales – 1929-1989*, pág. 22; **Witold Kula**, *A Escola dos Annales – 1929-1989*, pág. 22; **Karl Marx**, «18 Brumário de Luís Bonaparte» in *Os Pensadores*, vol. XXXV, pág. 22; **Aristóteles**, pág. 28; **Thomas Malthus**, pág. 28; **Louis Henry**, *Técnicas de Análise em Demografia Histórica*, pág. 30; **Pierre Goubert**, *Beauvais et le Beauvaisis*, pág. 30; **Pierre Vilar**, *La Catalogne dans l'Espagne moderne. Recherches sur les fondements économiques des structures nationales*, pág. 30; **Jean-Marie Pesez**, in *A História Nova*, Jacques Le Goff (org.), pág. 31; **Gaston Bachelard**, *L'air et les songes*, pág. 32; **André Leroi-Gourhan**, *Evolution et Technique. L'Homme et la matière.*, pág. 32; **Gilbert Durand**, *As estruturas antropológicas do imaginário*, pág. 32; **Fernando Braudel**, *Civilização Material, Economia e Capitalismo*, pág. 32; **Marc Bloch**, *Les caractères originaux de l'histoire rurale française*, pág. 32; **Daniel Roche**, *História das Coisas Banais*, pág. 33; **Sérgio Buarque de Holanda**, *Caminhos e Fronteiras*, e *Visões do Paraíso*, e *Raízes do Brasil*, pág. 33;

- argumentos de causa e efeito (motivos, razões; consequências, resultados),

“(...) já que a ampla maioria dos bons trabalhos historiográficos situa-se na verdade em uma interconexão de modalidades.” (pág. 17); “Assim, superada a Física Clássica como possibilidade de dar todas as respostas à compreensão dos fenómenos físicos (...)” (pág. 19);

- argumentos de exemplificação ou ilustração (indução, relatos de factos),

“Exemplo: um historiador gramsciano que investiga exclusivamente a história da cultura tomando por objeto a Mulher da época do Brasil Colonial” (pág. 18); “(...) surgiram por exemplo a Física Quântica, a Física da Relatividade” (pág. 19); “Ao caminhar por uma ponte, Zaratustra havia tropeçado em uma gigantesca orelha. Mas olhando melhor acabou verificando que sob a orelha movia-se (...)” (pág. 20); “Em vista destes e de tantos outros exemplos que poderiam ser extraídos de obras historiográficas magistrais, fica a lição de que o esclarecimento (...)” (pág. 23); “Todos estes exemplos constituem legítimas especialidades da História.” (pág. 23), “Vejamos, a título de exemplo, algumas destas divisões possíveis.” (pp. 25-26); “(...) como por exemplo a presença de carpideiras ou a ocorrência de determinado tipo de discursos de despedida, ou ainda a forma de luto e resguardo (...)” (pág. 27); “São apenas alguns exemplos, entre tantos, que mostram que a dimensão cultural ou política e a dimensão demográfica devem ser postas a dialogar (...)” (pág. 29); “Com os exemplos mencionados, fica claro que a História Demográfica (...)” (pág. 29); “Eis aqui um exemplo marcante de que, mais do que nunca, o historiador (...)” (pág. 29); “Um exemplo de Histórias da Cultura Material foi concretizado (...)” (pág. 32);

- argumentos por comparação (analogia – ressaltam-se as semelhanças e/ou diferenças entre as ideias),

“De igual maneira, existem os historiadores marxistas, ou (...)” (pág. 18); “Deste modo, podemos dizer que a Arte e o conhecimento científico acompanham juntos, de alguma maneira, este mesmo fenómeno de fragmentação (...)” (pág. 19); “De certo modo, as três ordens de critérios correspondem a divisões da História respetivamente relacionadas a “enfoques”, “métodos” e “temas”. ” (pág. 23); “Dito de outra forma, ele se empenhará em realizar não só uma História da Mortalidade, mas também uma autêntica História da Morte.” (pág. 27); “Da mesma forma que é um ato meramente descritivo registrar gratuitamente uma variação secular nos preços de um certo produto (...)” (pág. 28); “Desta forma, o historiador da cultura material não estará atento (...)” (pág. 30);

- argumentos por enumeração (citação de uma série de factos que comprovam a relevância),

“A outra ordem de dificuldades, da qual gostaríamos de falar em primeiro lugar, corresponde ao fato de que uma abordagem ou uma prática (...)” (pág. 22); “Uma segunda ordem de dificuldades que costuma confundir as tentativas de subdividir internamente o Campo Histórico refere-se a uma inadvertida mistura (...)” (pág. 23)

- argumentos por evolução histórica (cronologia, tempo, espaço e facto),

“(...) embora a História hoje se divida em inúmeros campos (...)” (pág. 17); “O historiador de hoje é um historiador da cultura, um historiador (...)” (pág. 18); “O oceano da historiografia acha-se hoje povoado por inúmeras ilhas (...)” (pág. 18); “A Demografia Histórica atravessa hoje estes dilemas.” (pág. 27); “Hoje se espera que o historiador “problematize” a morte, o nascimento ou o casamento (...)” (pág. 27); “Roma, alguns séculos depois, atingiria um milhão de habitantes (...)” (pág. 28); “Hoje em dia, quando vivemos o drástico problema da superpopulação (...)” (pág. 28); “(...) no decurso deste último século, que vai desde estas obras pioneiras até as obras mais recentes, como a História das Coisas Banais de Daniel Roche (...)” (pág. 33); “(...) o confronto cultural é a sua preocupação básica desde 1936 (...)” (pág. 33); “(...) a historiografia nos dias de hoje se apresenta.” (pág. 34);

- argumentos por contraposição (contestação, contraste de opiniões),

“(...) embora a História hoje se divida em inúmeros campos (...)” (pág. 17); “Ser um «especialista em ouvido esquerdo» em determinadas horas do dia não impediria que nas demais horas o médico hiper-especializado ouvisse (...)” (pág. 20); “(...) e não como uma profissão de fé no isolamento intra-disciplinar.” (pág. 23); “(...) embora nem sempre muito precisa e por vezes polissémica.” (pág. 26); “A “Morte” propriamente dita é contudo um fenómeno social.” (pág. 27); “O historiador não deve se transformar em um mero recenseador retroativo, como estamos tentando demonstrar.” (pág. 29);

O articulista apresenta três subtítulos no desenvolvimento: “Clio Despedaçada”, “Os lotes da História” e “Demografia, Cultura Material e Geo-História”.

Clio, segundo a mitologia grega, é a musa da história. Segundo Pierre Grimal (*Dicionário da Mitologia Grega e Romana*), as genealogias das nove irmãs (musas) são simbólicas e ligam-se a concepções filosóficas sobre o primado da Música no Universo.

Presidem ao Pensamento em todas as suas formas: eloquência, persuasão, sabedoria, história, matemáticas, astronomia. Hesíodo, poeta e historiador grego (atividade entre 750 e 650 a.C.) louva-lhes os benefícios. A representação mais famosa de Clio é a de uma jovem coroada de louros, carregando na sua mão esquerda o livro de Tucídides (historiador grego, um dos pais da História junto com Heródoto, responsável por escrever a guerra do Peloponeso), e na sua mão direita, uma trombeta. Para tornar os factos inteligíveis, Tucídides procura-lhes as causas tanto materiais como psicológicas, o que o leva a falar dos recursos económicos de cada país e a descrever o temperamento dos povos e o carácter das principais personagens. Apoiado num forte sentido crítico, numa comparação equilibrada das partes, apresenta-nos um trabalho de referência no panorama da literatura histórica⁷. Entende-se, assim, a alusão honrosa que foi feita “Clio Despedaçada” (pág. 18) num tom de nostalgia e provavelmente de preocupação nos problemas diagnosticados por José D’Assunção Barros: fragmentação de especialidades, de perspectivas; necessidade da interdisciplinaridade.

Uma sinopse da obra de base deste artigo sustenta estas inquietações: “*A História será um campo único e indiviso, ou ao contrário, ela se reparte internamente em uma miríade de possibilidades? O que caracteriza especialidades como a História Económica, a História Política, a História da Cultura, a História das Mentalidades ou a Micro-História?*”⁸.

A produção científica deste historiador viria a inserir-se com frequência numa perspectiva voltada para a interdisciplinaridade, para a qual contribuiria com os livros *Os Conceitos*, em 2016, *História, Espaço, Geografia*, em 2017, e *Interdisciplinaridade*, em 2019.

Quanto à clareza, correção e coerência do artigo, não é possível deixar de fazer as seguintes observações: hesitações na ortografia de algumas palavras; uso de alguma pontuação sem respeitar a sintaxe da frase; citação do Realismo como uma tendência do século XX; inclusão de um esquema com omissões de palavras essenciais; expressões oralizantes.

As pesquisas historiográficas devem conectar-se com as várias modalidades. Definir o ambiente intradisciplinar em que florescerá a investigação não deverá ser apenas um exercício rotineiro ou a assunção de uma simples crença.

⁷ [https://www.infopedia.pt/\\$tucidides](https://www.infopedia.pt/$tucidides)

⁸ <https://www.fnac.pt/O-Campo-da-Historia-Jose-d-Assuncao-Barros/a318712>

Referências bibliográficas

Fonte primária:

<https://www.fe.unicamp.br/lancamentos/histedbr-line-v-dezembro2004-n-16-2004>

Fontes secundárias:

José D'Assunção Barros, *O Campo da História – especialidades e abordagens*, Vozes, Petrópolis, 2004

Pierre Grimal, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, Antígona, Lisboa, 2020

<https://institucional.ufrj.br/ruralpesquisa/jose-dassuncao-barros/>

[https://www.infopedia.pt/\\$epistemologia](https://www.infopedia.pt/$epistemologia)

[https://www.infopedia.pt/\\$tucidades](https://www.infopedia.pt/$tucidades)

<https://www.fnac.pt/O-Campo-da-Historia-Jose-d-Assuncao-Barros/a318712>

<https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-historia/wp-content/uploads/sites/66/2017/03/Como-elaborar-o-projeto-de-pesquisa-para-o.pdf>

<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/bloch-m-apologia-da-histe3b3ria.pdf>

<https://www.incm.pt/portal/bo/produtos/anexos/10077420100408163754501.pdf>

<http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/2499/2/PDF%20->

<http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/2499/2/PDF%20-%20Mariene%20de%20F%C3%A1tima%20Cordeiro%20de%20Queiroga.pdf>